



Noah Hawley
fala ao Correio
sobre estreia
de 'Alien Earth'

PÁGINA 4

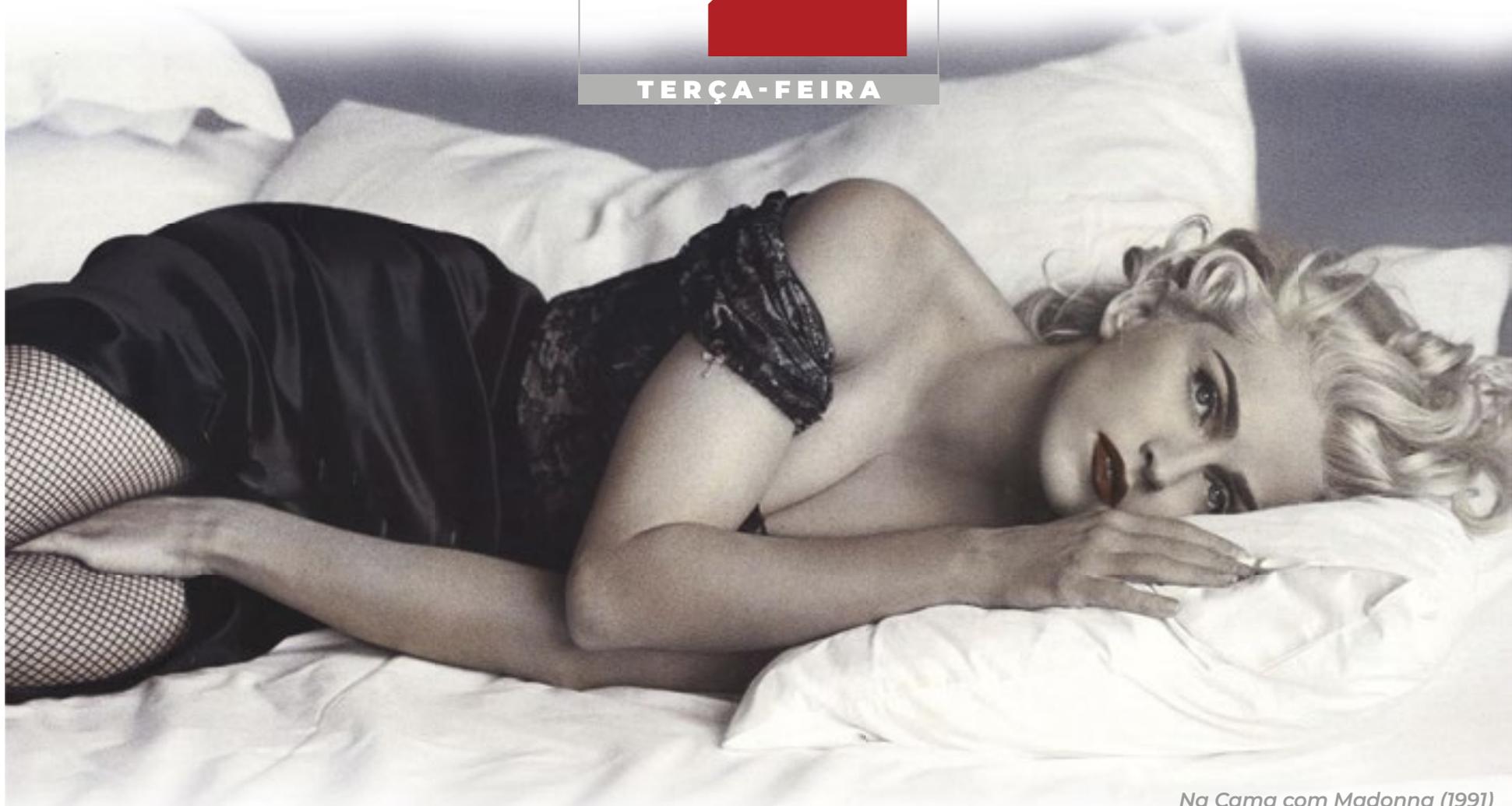
#cm

2

TERÇA-FEIRA

Alice Caymmi
adota canções
de Nana em
novo show

PÁGINA 6



Na Cama com Madonna (1991)

Divulgação

Na tela com *Madonna*

No mês de seu aniversário,
a Rainha do Pop recebe
retrospectiva completa com os 21
filmes em que esteve envolvida
como atriz e até como diretora

Por **AFFONSO NUNES**

O fenômeno pop que mobilizou 1,6 milhão de pessoas nas areias de Copacabana retorna à cidade, desta vez nas telas de cinema. Madonna ganha uma retrospectiva cinematográfica completa na Caixa Cultural Rio de Janeiro, que entre 13 e 24 de agosto apresenta todos os 21 filmes relacionados à trajetória da artista no cinema. A mostra gratuita "Madonna - Ícone Pop" oferece um mergulho na faceta menos explorada da carreira da cantora, reunindo desde suas primeiras aparições como atriz até seus trabalhos como diretora. **Continua na página seguinte**



Quem É Essa Garota (1987)



Uma Equipe Muito Especial (1992)



Supresa da Shanghai (1986)

Um processo de amadurecimento no cinema

Divulgação



Procura-se Susan Desesperadamente (1985)



Evita (1996)



Olhos de Serpente (1993)

A programação completa da mostra coincide com o mês de aniversário da artista, que completa 67 anos neste sábado (16), transformando a mostra em uma celebração ampla de quatro décadas de influência da diva no imaginário pop mundial, muito além da música. O evento reúne títulos que vão desde sucessos consagrados como “Evita” e “Na Cama com Madonna” até produções raramente exibidas como “Em Busca de Vitória”, que marcou sua estreia no cinema em 1985.

A seleção revela a amplitude de uma carreira cinematográfica frequentemente ofuscada pelo sucesso musical. Madonna trabalhou com alguns dos mais respeitados

cinastas de sua geração, incluindo Abel Ferrara em “Olhos de Serpente”, Warren Beatty em “Dick Tracy”, Woody Allen em “Neblina e Sombras”, Spike Lee em “Girl 6”, John Schlesinger em “Sobrou pra Você” e Alan Parker em “Evita”.

“Frequentemente atacada pela crítica e ridicularizada pela imprensa, ela só conseguiu ser respeitada como atriz pontualmente, como em ‘Procura-se Susan Desesperadamente’ (1985), e em ‘Evita’ (1996). Apesar disso, seu trabalho no cinema também é extenso e plural, como na sua carreira musical”, observa Pedro Modesto, curador da mostra, destacando a complexidade da recepção crítica aos trabalhos cinematográficos da artista.

novos parâmetros para o gênero e antecipando a atual cultura de bastidores que domina as redes sociais, comprovando que Madonna sempre foi tendência.

A mostra também contempla a fase mais recente da relação da artista com o cinema, quando ela assumiu o papel de diretora. Os filmes “Sujos e Sábios” e “W.E. - O Romance do Século” representam sua incursão atrás das câmeras, demonstrando uma evolução natural de quem sempre manteve controle criativo rigoroso sobre toda sua produção artística. São trabalhos que revelam uma Madonna mais madura, interessada em explorar narrativas históricas e questões sociais.

A curadoria destaca que essa retrospectiva permite reavaliar a contribuição de Madonna para o cinema, contextualizando seus trabalhos num período de transformações significativas na indústria cinematográfica. Seus filmes dos anos 1980 e 1990 coincidem com a consolidação do star system moderno, enquanto seus trabalhos mais recentes refletem as mudanças na produção e distribuição cinematográfica ocorridas neste século.

SERVIÇO

MADONNA - ÍCONE POP

Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38, Cinelândia)
De 13 a 24/8, com sessões diárias e gratuitas*

Programação completa em <https://lnq.com/fuIMV>

*Os ingressos devem ser retirados na bilheteria 30 minutos antes de cada sessão

O documentário “Na Cama com Madonna”, de 1991, ocupa posição especial na programação por retratar os bastidores da turnê “Blond Ambition”, considerada

uma das mais influentes da história do pop. O filme tornou-se, na época de seu lançamento, o documentário musical de maior bilheteria de todos os tempos, estabelecendo

Por Pedro Sobreiro

Pincipal estreia de agosto no Disney+, a série “Alien: Earth” chega ao streaming às 21h desta terça-feira (12) para expandir a franquia criada por Ridley Scott nos anos 1970, trazendo o temível Alien para o planeta Terra. Ambientada dois anos antes do primeiro filme, a produção tem oito episódios e foi criada, escrita e dirigida por Noah Hawley, responsável por fenômenos da TV americana, como “ Fargo ” e “ Legion ”. Em conversa com o Correio da Manhã, o realizador revelou o segredo para trabalhar com franquias que contam com tantos fãs e conseguir ser unanimidade entre eles.

“Felizmente, essa é a terceira vez que tenho a oportunidade de adaptar materiais que contam com fãs muito apaixonados. ‘ Fargo ’ e ‘ X-Men ’, que virou a série ‘ Legion ’, e agora ‘ Alien ’. Acho que tenho essa habilidade de entender o que os fãs realmente amam nas franquias e explorar isso. E sempre tive a filosofia de que se você tentar recontar uma história que os fãs amam, você sempre vai desapontar alguém. Porque você tem que mudar algumas coisas, fazer adaptações e retirar tramas ou personagens que são importantes para alguém no fandom. Mas se você pegar algo que os fãs amam, como os ‘ X-Men ’, e contar novas histórias... Sabe? Se você explorar esse mundo que eles amam e abordar outros personagens, a tendência é que eles encarem seu projeto como um presente para a saga”, explica Noah.

“Talvez minha maior qualidade como realizador seja ter pouquíssimas dúvidas criativas. Se eu estou brincando com materiais que já existem, tenho ideias e deixo que elas fluam e me conduzam até o fim. Se não posso dar ao público o que ele quer, tenho que, no mínimo, entregar algo que os faça perceber que isso é muito melhor do que aquilo que eles queriam”, continuou.

A série acompanha um inovador processo tecnológico que transporta a consciência de crianças em estágio terminal para cor-



Um ‘Alien’ como a Terra. nunca viu

Marshall Tidrick/ FX

Mente por trás de ‘ Fargo ’ e ‘ Legion ’, diretor Noah Hawley revela detalhes de seu novo projeto, ‘ Alien: Earth ’, que chega ao Disney+ nesta terça-feira (12)



Noah Hawley destaca entre suas qualidades o fato de ter ‘pouquíssimas dúvidas criativas’

pos robóticos, fazendo com que os protagonistas da vez sejam essas misturas de humanos com a inteligência artificial. Porém, o diretor

afirmou que a trama foi concebida muito antes do debate sobre as IAs tomar conta de Hollywood. Mas, para ele, isso é excelente,

porque a série chega no momento mais quente da discussão.

“A série esteve em produção há tanto tempo que o conceito do debate sobre o ChatGPT e as IAs, que felizmente viraram pauta de discussões nos últimos dois anos, ainda nem era algo tão presente. Mas esse debate, e o que está presente na série, é a busca da humanidade pelo que virá a seguir. Nós vamos ser substituídos pela inteligência artificial ou seremos capazes de fazer uploads das nossas consciências em corpos sintéticos? É o assunto do momento, mas não parecia que seria um tema abordado tão em breve, há seis anos, quando escrevi a série. É gratificante, enquanto contador de histórias, que sua história chegue ao público no momento exato em que esse público está debatendo o que você tinha em mente lá atrás. É muito melhor

‘Alien: Earth’ mistura elementos de mistério e ameaças alienígenas num futuro dominado por corporações e tecnologias avançadas

do que chegar atrasado, por exemplo, quando ninguém liga mais para o assunto ou não é mais relevante para as vidas delas”, contou.

Ele também alertou para o mundo real, em que bilionários estão tomando a frente de processos que visam a mecanização humana, como o infame Chip Neural que a equipe do polêmico Elon Musk está desenvolvendo, e questionou a maturidade daqueles que dizem estar procurando o futuro da humanidade.

“O show se agarra a essa ideia de como a humanidade vai sobreviver se não agirmos como adultos. Se não formos responsáveis, se deixarmos o capitalismo comandar, que alguns bilionários irresponsáveis, que agem feito crianças, tomem a decisão sobre o futuro da humanidade... o fim estará próximo”, concluiu Noah Hawley sem citar nominalmente nenhum dos bilionários.

ENTREVISTA / MARCELO IKEDA, CINEASTA E PROFESSOR

‘É possível fazer cinema mesmo tendo uma equipe de uma única pessoa’

Óscar Araújo/Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Marcelo Ikeda joga nas onze, nos gramados do cinema independente. Faz filmes; pensa (sobre) filmes (os seus e os de outrem); escreve sobre filmes; leciona... como fazer filmes; e reúne tudo o que filmou na retrospectiva que o Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro inaugura nesta quarta-feira. Aos 46 anos, o diretor carioca de Campo Grande, radicado desde 2010 em Fortaleza, onde dá aulas, realizou 54 títulos, entre curtas, longas e videocartas.

Entre os mais potentes (e inquietos) exercícios de sua lavra estão “O Posto (2005)”, “O Homem Que Virou Armário” (2015) e “Um Assunto Meio Delicado” (2016), que estarão amanhã no CCBB-RJ, às 18h. A mostra é batizada de “Casulo Ao Mar”, assim como o livro sobre seu legado, organizado por ele e Arthur Gadelha e publicado pela editora Sulina. Nele estão textos inéditos de autores como Rubens Fabício Anzolin, Wesley Pereira de Castro, Humberto Silva, Diego Benevides, e republicações de Carlos Alberto Matos, Luiz Rosemberg Filho e Moacyr Cirne.

A maratona Ikeda segue até o próximo dia 18 e termina com a projeção do longa “Em Casa” (2005). Professor do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará (UFC), o realizador faz uma reflexão sobre as crises políticas em nossas telas.

De que maneira rever seus filmes numa “antologia”, numa retrospectiva, é, também, um modo de se rever? Que saudades estão ali?

Marcelo Ikeda: Esses filmes foram realizados ao longo de 25 anos, sendo o primeiro, de 1999. Portanto, é uma trajetória de vida, e ao mesmo tempo o amadurecimento de



tendências e de movimentos que revelam uma pesquisa cinematográfica em constante transformação e aperfeiçoamento. Como diria Jonas Mekas, acredito que “Filmar é viver e viver é filmar”. Esses filmes mostram meu encantamento diante das possibilidades do mundo ao mesmo tempo que escancaram algumas fragilidades, investigando, de forma poética, minhas angústias e minha solidão.

De que maneira esses filmes afirmam o projeto estético que te estrutura? Que cinema você ambiciona fazer?

Nos quase 50 filmes exibidos nessa mostra, há uma variedade de formatos e modos de produção, desde curtas narrativos de decupagem clássica com atores profissionais até documentários com imagens de arquivo com temas políticos. Ao mesmo tempo, boa parte dessas obras foram concebidas e reali-

zadas exclusivamente por mim, no ambiente doméstico, em diários de viagem ou como videocartas, investigando temas como o tempo e a solidão. Esses filmes mostram que é também possível fazer cinema mesmo tendo uma equipe de uma única pessoa, filmando em sua própria casa. Não é preciso grandes orçamentos, equipamentos vultosos, editais públicos, ou uma equipe numerosa. Há muitas formas de fazer cinema, e me interesse por uma produção minimalista, discreta, serena. Essa produção dialoga de forma íntima com os textos que escrevi sobre o chamado “cinema de garagem” no Brasil a partir dos anos 2000.

Como pensador ativo de políticas audiovisuais, como você avalia os rumos do cinema brasileiro hoje?

Sinto que hoje estamos num impasse. Nunca tivemos tanto dinheiro no cinema

brasileiro e, ao mesmo tempo, vejo a maior parte dos filmes sem grande imaginação ou potência. Vejo pessoas querendo simplesmente se inserir nos meios de legitimação, e não questionando suas características de exclusão e privilégio. Falta coragem ao cinema brasileiro de hoje. Sinto falta de maiores debates e de uma aposta mais radical na potência do pensamento crítico. Ao mesmo tempo, nunca antes no Brasil produzimos tantos filmes, dos mais diversos lugares do país, de pessoas das mais diversas trajetórias e origens... Tenho muito interesse e curiosidade pelos cinemas que estão sendo produzidos nos interiores, no chamado Brasil profundo. Talvez algo de novo surja dessa produção. Precisamos de mais tempo para analisar melhor o nosso momento histórico.

Qual foi o primeiro filme nacional que te assombrou a ponto de te gerar o anseio por filmar? Que filme nacional recente mais te atravessou de potência?

Vou citar dois filmes. O primeiro é “Aopção, Ou As Rosas Da Estrada” (1981), de Ozualdo Candeias, e o segundo, “Estética da Solidão” (2001), dos Irmãos Pretti, que me fez entender um cinema possível. Recentemente, cito “Um Minuto É Uma Eternidade Para Quem Está Sofrendo” (2025), de Fábio Rogério e Wesley Pereira de Castro, que vi na última edição da Mostra de Cinema de Tiradentes, ainda inédito no circuito comercial.

Que projetos de filme você tem para rodar ou que projetos de livro se desenharam no ar?

Estou realizando um filme sobre a trajetória artística da bailarina Wilemara Barros, em Fortaleza, provisoriamente intitulado de “Preta Rainha”. Quanto aos livros, estou escrevendo há mais de 10 anos um livro intitulado “Economia do Audiovisual”, que examina os modelos de negócio, a cadeia produtiva e os segmentos de mercado do setor. Ele já está com 95% do seu conteúdo escrito.

O que a solidão representa na sua obra?

A solidão é uma forma de lidar com um mundo cada vez mais acelerado, competitivo e materialista. Um caminho ético quase oposto à espetacularização de si, como essa necessidade extrema de exposição de uma autoimagem muito própria das redes sociais. Uma forma de conexão cósmica e íntima com os nossos próprios interiores. Um modo de ser, uma forma de vida e um caminho para o autoconhecimento.



Divulgação

Em Bobò, Pippo Delbono registra uma saudade

Locarno à italiana



Pátria de Fellini toma o festival suíço de assalto com retratos afetivos avessos à exclusões

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Mordido na jugular, no fim de semana, por um vampiro cinematográfico meio romeno, meio brasileiro, chamado “Drácula”, dirigido por Radu Jude e produzido por Rodrigo Teixeira, o 78º Festival de Locarno faz um uso inteligente de sua proximidade com Milão (que fica a duas horas de lá, de ônibus) e vai buscar na Itália títulos que prometem reverberar mundo adentro.

Nesta terça, a competição pelo Leopardo de Ouro, o troféu mais cobiçado do evento suíço, recebe “Le Bambine” (que há de se chamar “Mosquitos” internacionalmente), das irmãs Valentina e Nicole Bertani. Existe imensa expectativa por esse roteiro. É uma volta a um tempo de crise para as telas italianas, 1997.

Naquele momento, Linda, de



Yagi Media



Emma Film

Gioia Mia recria um verão inesquecível

La Bambine fala da conexão de meninas na Itália de 1997

oito anos, foge de uma vila na Suíça pertencente à sua avó rica, onde vive com sua mãe, Eva. Na fuga,

ela conhece Azzurra e Marta. Um vínculo de verão une as três meninas em uma gangue formada para

proteger umas às outras, sua juventude e sua liberdade. Ao redor delas, pais egoístas perseguindo sonhos frágeis, vizinhos fofoqueiros e uma babá queer em busca de pertencimento em um mundo homofóbico.

Tensões da infância também mobilizam “Gioia Mia”, que Locarno foi buscar em Palermo, das mãos da diretora Margherita Spampinato. A produção brilhou ontem, na mostra Cineasti Del Presente. Em seu enredo, um menino e uma senhora idosa são obrigados a passar um verão juntos. É um choque entre modernidade e tradição, velocidade e lentidão. Estamos diante de um verão repleto de medos e descobertas, mas também de aventuras, marcos e perdas – um verão após o qual nada mais será como antes para aquelas pessoas... e para a plateia.

Locarno parla Italiano como sua língua primeira, embora o Francês e o Alemão também sejam ensinados nas escolas. É comum a presença de realizadores da pátria de Fellini por lá, mas é pequena a esquadra de artistas de lá que se notabilizou com prêmios no festival nesta década, em que a atual curadoria artística (pilotada desde 2021 pelo curador Giona A. Nazzaro, de Zurique) faz a revitalização daquela tradicional mostra competitiva. A corrida pelo Leopardo de 2025 traz a Itália como coprodutora de dois outros concorrentes: o croata “God Will Not Help”, de Hana Jušić, e o (hilário) romeno “Sorella di Clau-

sura”, de Ivana Mladenovic.

Fora de concurso, a Itália busca aplausos em Locarno com “Bobò”, Pippo Delbono. A narrativa registra um retrato delicado de um homem surdo-mudo, analfabeto e microcefálico que Pippo conheceu numa instituição médica de Aversa. Bobò viveu por 46 anos. Deixou saudades. Estas viraram filme.

Nesta terça, Locarno viaja até Belgrado, levado pelo olhar do cineasta bósnio Dane Komljen, para conferir o paranoico processo de isolamento de um homem numa relação fraterna torta em “Desire Lines”. Na trama, Branko vive à margem da sociedade em sua pátria. Isolado e incapaz de dormir, ele não fala com ninguém. Sua única obsessão parece ser seu irmão mais novo, cujos sapatos enlameados, lençóis manchados de sangue e parapeito sempre enigmático o deixam inquieto. Branko segue cada passo do maninho, assombrado por seu comportamento estranho. À medida que a paranoia se instala, Branko percebe que o mais estranho naquele mundo é ele mesmo.

Um dos títulos mais esperados de Locarno para esta semana é o thriller “Keep Quiet”, dirigido por Vincent Grashaw, que busca holofotes para o esquecido Lou Diamond Phillips, astro de “La Bambina” (1987). Na trama, um policial indígena experiente e uma recruta precisam encontrar um fugitivo da Justiça, cruelíssimo, cujo retorno à reserva rural expôs seus segredos mais sombrios e pode desencadear uma violenta guerra entre gangues. Sua projeção será na quinta. No sábado, o festival encerra suas atividades com a premiação e com exibição da nova versão (agora musical) de “O Beijo da Mulher Aranha”, o livro de Manuel Puig (1932-1990), que inspirou um dos maiores êxitos do diretor Hector Babenco (1946-2016), em 1985. Agora, Jennifer Lopez encarna o papel que foi de Sonia Braga. O longa, dirigido por Bill Condon, passa no encerramento do festival, e tem Diego Luna e Tonatiuh nos papéis que foram de Raúl Julia (1940-1994) e William Hurt (1950-2022), que ganhou o Oscar pela versão de Babenco, interpretando o decorador Molina.

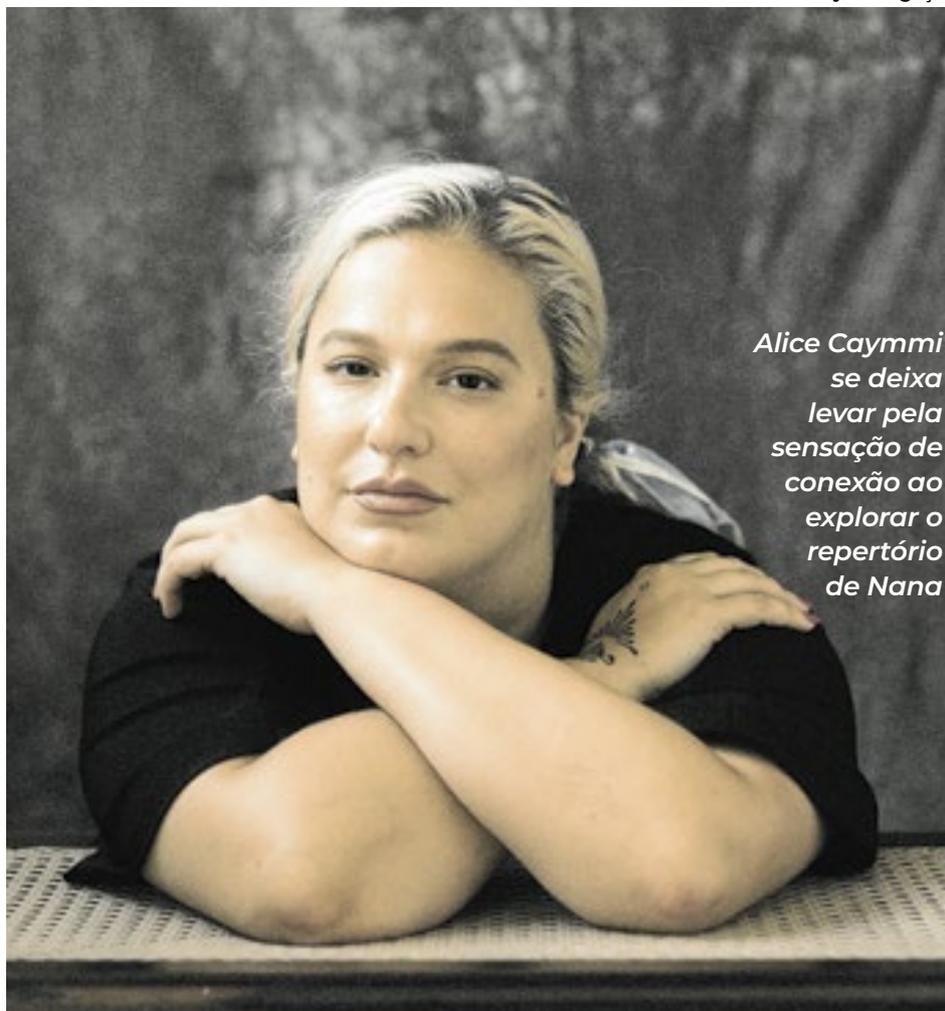
Vozes do afeto

Alice Caymmi ocupa o Teatro Ipanema nas próximas três terças-feiras com show que celebra o repertório de sua tia Nana

Por Affonso Nunes

A cantora e compositora Alice Caymmi inicia nesta terça-feira (12) temporada de três shows no Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa apresentando um mergulho profundo na memória afetiva e musical. Trata-se do espetáculo “Para Minha Tia Nana”, um emocionado tributo a Nana Caymmi, uma das maiores vozes que o Brasil já conheceu.

Após o recente falecimento de sua tia, Alice pensou este projeto com a missão de manter viva a essência artística de Nana. A



Marcela Cury/Divulgação

Alice Caymmi se deixa levar pela sensação de conexão ao explorar o repertório de Nana

escolha do repertório é certa ao passar por canções que se tornaram tesouros da MPB pela voz de Nana como “Resposta ao Tempo”, “Se Queres Saber” e “Só Louco”, além de outros sucessos e boleros marcantes como “Sabe de Mim”. Cada uma delas foi cuidadosamente repaginada com novos arranjos, mas sem deixar de evocar a intensidade que sempre foi um traço artístico de Nana.

Em entrevistas recentes, Alice compartilhou a profundidade do seu processo criativo e emocional. “A ideia é que eu me torne o elo entre a eternidade e o presente”, revelou, destacando uma conexão quase mística com o legado de Nana.

O percurso de ensaios e a imersão na obra da tia trouxeram à tona uma carga emotiva forte. “Choro sempre. Além da saudade, ela sempre foi muito dramática, a dor sempre foi o tema principal das suas músicas”, comenta Alice, que terá no palco a companhia do pianista Eduardo Farias.

SERVIÇO

ALICE CAYMMI - PARA MINHA TIA NANA

Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824)

12, 19 e 26/8, às 20h

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Nome independente

Após três anos de carreira e dez singles lançados nas plataformas digitais, o artista baiano Filipe Freire estreia seu primeiro álbum, “Volta no Mundo”. “Sem Besteira” é a faixa inédita do trabalho, trazendo ares psicodélicos. Consolidado na cena independente de Salvador, Freire planeja eventos autorais para o próximo verão com participação de artistas da nova cena local. O álbum marca um novo capítulo na trajetória do músico, que vem ganhando destaque no cenário musical de seu estado.

Divulgação



Divulgação

Gênios homenageados

Talento da nova geração do samba, Leo Russo se prepara para lançar releituras de clássicos dos geniais Candeia e Cartola. A preciosa “Preciso Me Encontrar” chega às plataformas digitais nesta sexta (15), às vésperas do 90º aniversário de Candeia, com um arranjo delicado pensado para uma formação de regional ornada pela gaita de estre Rildo Hora, produtor da faixa. Já “O Mundo É Um Moinho” será lançada em outubro, mês do aniversário de Cartola. Ambas as gravações mantêm arranjos minimalistas que valorizam a essência do samba de raiz.



Divulgação

Modo introspectivo

Destaque entre as novas vozes autorais, a brasileira Juliana Franke estreia o single “Pra Continuar”, uma canção que aborda temas de luta e superação pessoal numa jornada de reencontro após conflitos interiores. A faixa integra o segundo álbum da cantora e compositor. O lançamento marca nova fase na carreira da artista que explora temas introspectivos com sensibilidade. A artista, que começou a compor aos 7 anos, lançou seu primeiro disco, “Folha em Branco”, em 2016 e se dedicou exclusivamente aos estudos musicais voltando a lançar faixas dois anos depois.

A macumba techno

que ainda ressoa

O espetáculo cult de Rita Benneditto que funde tradições afro-brasileiras com ritmos eletrônicos tem apresentação única nesta terça no Sesc Copacabana

Por **Affonso Nunes**

A cantora maranhense Rita Benneditto sobe ao palco da Arena do Sesc Copacabana nesta terça-feira (12) para apresentar “Tecnomacumba”, projeto que há mais de duas décadas redefiniu os limites entre música popular brasileira, religiosidade afro-brasileira e sonoridades contemporâneas. O espetáculo, que estreou em 2003, consolidou-se como um dos trabalhos mais singulares da música brasileira ao propor um diálogo musical entre pontos de terreiro, clássicos da MPB e batidas eletrônicas. Por mais que desenvolva outros projetos, Rita sempre volta ao “Tecnomacumba”.

“Olha, o ‘Tecnomacumba’ é mais do que um espetáculo pra mim — é um chamado. Desde que ele nasceu, lá em 2003, eu entendi que não era apenas sobre subir ao palco e cantar canções; era sobre afirmar e celebrar a identidade e ancestralidade do povo brasileiro a partir de sua cultura, e abrir caminhos espirituais e culturais para quem se faz presente nas plateias”, comenta Rita. “‘Tecnomacumba’ já é uma ‘entidade’, tem força própria, um pulso que não se esgota, porque fala de raízes muito profundas e de temas que continuam urgentes: resistência, fé, pertencimento”, completa.

Mesmo quando mergulha em outros projetos, Rita diz sen-

tir que “Tecnomacumba a chama de volta. “É como um ponto de luz que sempre me guia. Passaram-se mais de vinte anos e, ainda hoje, cada apresentação me provoca arrepios — porque nunca é igual. O público, a energia, o momento histórico... tudo transforma o ‘Tecnomacumba’ numa experiência viva, que se renova”, garante.

A artista revela que o espetáculo toca profundamente em seu interior. “Isso acontece porque ele continua me ensinando. E enquanto houver quem precise se reconhecer, se fortalecer e se encantar através dessa música e dessa espiritualidade, eu vou seguir levando esse projeto pelo Brasil e pelo mundo. É um compromisso que ultrapassa o palco — é missão de vida.”

Com geralmente acontece nas sessões de “Tecnomacumba”, a apresentação desta terça terá a participação do artista plástico Fernando Mendonça, que realizará uma pintura ao vivo durante o show, retratando divindades do panteão afro-brasileiro homenageadas no repertório. A performance visual integra-se à proposta musical, dando novas vivências ao público. Ao lado de Rita, a banda Cavaleiros de Aruanda, formada por Fred Ferreira (direção musical e guitarras), Humphry Scott (contrabaixo) e Ronaldo Silva (bateria e programação eletrônica) constrói a base sonora que sustenta essa viagem à ancestralidade.



SERVIÇO

RITA BENEDITTO - TECNOMACUMBA

Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160) | 12/8, às 19h
Ingressos: R\$ 15, R\$ 7,50 (meia) e R\$ 5 (associado Sesc)

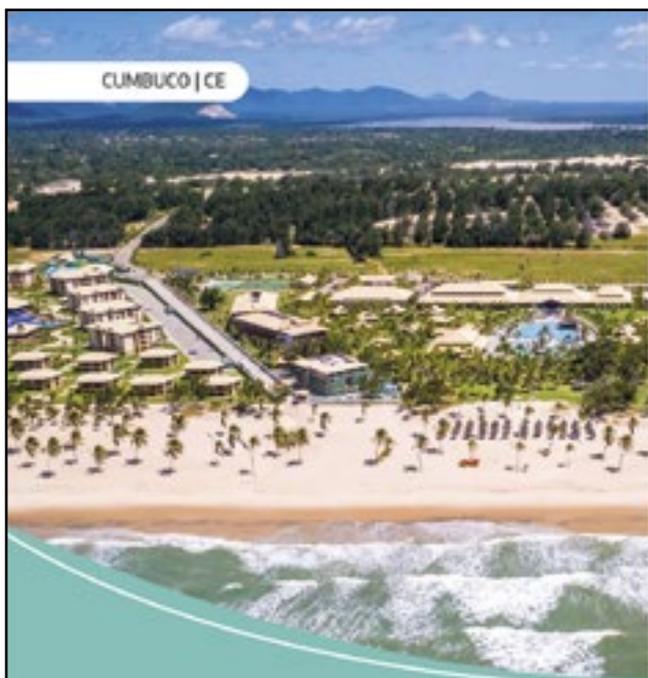
Rita Benneditto no show ‘Tecnomacumba’, apresentado pela artista sistematicamente desde 2003

O repertório incluirá faixas como “Domingo 23”, “Cavaleiro de Aruanda”, “É D’Oxum” e “Mamãe Oxum”, além de “7Ma-

rias”, composição de Rita lançada em 2018 cujo videoclipe ultrapassou cinco 5 milhões de visualizações. Ao longo dos anos,

“Tecnomacumba” caminhou além da música, proporcionando produções audiovisuais, exposições e até bloco de carnaval.

Ariel Cavotti/Divulgação



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

